
**ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR: ANOTAÇÕES CRÍTICAS**

**ANÁLISIS DE LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO Y PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINARIA: ANOTACIONES CRÍTICAS**

**ANALYSIS OF THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE AND INTERDISCIPLINARY
PERSPECTIVE: CRITICAL ANNOTATIONS**

Kátia Oliver Sá¹

Resumo: O trabalho levanta anotações críticas sobre a análise da produção do conhecimento partindo de elementos da realidade que alimentam a lógica que impera no mundo do capital e a produção do conhecimento científico. Aponta elementos críticos ao processo de análise na perspectiva interdisciplinar com respaldo na concepção histórica da tradição filosófica, considerando fundamentos do método dialético de apropriação do concreto no pensamento científico.

Palavras-chave: modo de produção; produção do conhecimento; interdisciplinaridade.

Resumen: El trabajo plantea notas críticas en el análisis de la producción de conocimiento a partir de elementos de la realidad que se alimenta la lógica que impera en el mundo del capital y la producción de conocimiento científico. Señala el proceso de análisis crítico en perspectiva interdisciplinaria respaldados en la concepción histórica de la tradición filosófica, teniendo en cuenta los fundamentos de método dialéctico a los elementos concretos en el pensamiento científico.

Palabras-chave: modo de producción; producción de conocimientos; interdisciplinarietà.

Abstract: The work raises critical notes on the analysis of knowledge production starting from elements of reality that feeds the logic that prevails in the world of capital and the production of scientific knowledge. Points to the critical analysis process in interdisciplinary perspective backed on the historical conception of the philosophical tradition, considering fundamentals of dialectical method to the concrete elements in scientific thinking.

Keywords: mode of production; production of knowledge; interdisciplinarity.

Introdução

Nesse artigo expomos anotações que buscam contribuir para o reconhecimento de equívocos em processos de investigação no campo da educação, quando se recorre à análise da produção do conhecimento.

Tomamos como ponto de partida uma breve exposição de elementos da realidade que alimentam a lógica que impera no mundo do capital, considerando relações com a produção do conhecimento. Nesse lastro, avançamos em expor o que está posto na concepção histórica da tradição filosófica da produção do conhecimento científico, partindo de fundamentos do método dialético de apropriação do concreto no pensamento científico para levantar anotações críticas, quanto às propostas

que se valem no processo de análise epistemológica de fundamentos apoiados no campo da interdisciplinaridade.

Nesse contexto, tratamos de três questões centrais: 1. Em que a proposta da interdisciplinaridade contribui para a análise epistemológica da produção do conhecimento? 2. Há interferência nos limites do balanço da produção do conhecimento em relação a uma dada verdade, quando partimos da análise da interdisciplinaridade? 3. Que elementos da crítica são possíveis de serem levantados sobre a interdisciplinaridade quando tratada na análise da produção do conhecimento, partindo da teoria marxista?

Colocadas essas questões, iniciamos nossas reflexões buscando coerência com o significado de refletir que advém do verbo em latim “*reflectere*” que significa voltar atrás, o que nos conduz a desenvolver o pensamento consciente de si mesmo. Essa postura teórica nos impõe a necessidade de reconhecer inicialmente, elementos da realidade histórica que alimenta a crise que o mundo se encontra imerso, cuja base é agudamente destrutiva para a humanidade e para a natureza, o que nos exige explicações de nossas capacidades intelectuais para desenvolver pesquisas comprometidas com as determinações históricas da realidade/totalidade.

A força do capital na ordem mundial e o interesse pela produção do conhecimento

O impacto de um elevado número de fatores socioeconômicos sustentado no decurso histórico da implantação efetiva do capitalismo como um sistema econômico mundialmente articulado, vem contribuindo para o desemprego do pensamento de intelectuais – tanto potencial como efetivo – e vem tornando difícil não manter a subordinação inquestionável da grande maioria destes à autoridade do capital. Essa realidade vem se implantando silenciosamente nos espaços em que questões centrais para a humanidade exigem explicações da produção científica no mesmo grau de necessidades de respostas para suas determinações.

Quando a própria existência da humanidade está em jogo, como vem sendo anunciada na crise sem precedentes da história humana, precisamos reconhecer que a força bruta do determinismo econômico desencadeada pela desumanizadora necessidade da produção do capital, impera sobre todos os aspectos da produção da vida. Frente a essa realidade, que não é meramente teórica, mas substancialmente prática, é preciso que reconheçamos o papel que nós pesquisadores precisamos assumir na constituição de estruturas organizativas em nossas universidades, que sejam capazes de produzir conhecimentos de modo a elaborar um terreno consolidado pela contestação teórica e que seja vital para se colocar para além dos limites de uma tradição de produção do conhecimento intelectual, que em outros tempos históricos tentou responder genuinamente a alguns dos maiores problemas e dificuldades da ordem social dada, mas sob o plano idealista.

Frente à realidade, o desafio histórico referente ao modo estabelecido de produção do conhecimento não pode deixar de ter relações importantes com questões que agravam a produção da existência da vida. Uma nova ordem alternativa de produzir em sociedade nos exige na prática das

pesquisas o enfrentamento no mundo real do consolidado modo de reprodução sociometabólico do capital, enquanto em condições insatisfatórias à produção da existência do planeta.

Nessa nova fase de desenvolvimento do capitalismo, o capital financeiro passou a assumir a direção do processo de reprodução ampliada do capital em crise, quando a difusão dos interesses de acumulação flexível intensificou a adoção de novas tecnologias de informação e de comunicação, quando se instalou nos anos de 1970/80 o desmonte do Estado de Bem-Estar. Isso também significa reconhecer que o Brasil passou para o século XXI fortalecendo a institucionalização do trabalho no campo da produção científica, para incorporar, decididamente, fatores econômicos e ético-políticos ditados pelo poder do capitalismo mundial, que vêm se configurando historicamente em consecutivas crises cíclicas.

Essas crises em que vivemos imersos interferem no nosso modo de vida e requerem o reconhecimento de suas determinações para poder intelectualmente produzir explicações significativas que possam dentre outras necessidades, resolver problemas imediatos que aparecem na vida prática e que decorrem do nosso contato direto com fatos e fenômenos que pesquisamos. Considerando a produção das ideias, Marx e Engels (1999, p. 72, grifo do autor) nos alerta que:

As ideias (*Gedanken*) da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, é a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material que dispõe, ao mesmo tempo, os meios de produção espiritual o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as ideias de sua dominação. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda a sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de ideias; que regulem a produção e a distribuição das ideias de seu tempo e que suas ideias sejam por isso mesmo, as ideias dominantes da época.

Portanto, nas possibilidades que temos para produzir conhecimento na realidade de uma sociedade dividida em classes, em que uma domina a outra pelo conhecimento produzido, pelo domínio da propriedade privada e pela exploração do trabalho é que reconhecemos que nossas pesquisas não escapam da influência dessa crise; nas pesquisas sobre a análise da produção do conhecimento, verificamos que existe em muitas produções a ausência nítida de relações do objeto ao controle sociometabólico do capital que predominou historicamente nos vários períodos da formação econômica da humanidade, enquanto um sistema orgânico oniabrangente. Identificamos, portanto, a separação entre ciência e ontologia, seja idealista, seja materialista, que vem sendo tratada em especial pelas tendências que defendem a possibilidade do conhecimento limitado ao plano dos objetos singulares e seus aspectos sensíveis, além de se colocarem completamente sem relações com fatos históricos de qualquer que seja à ordem.

Dentre muitos fatos históricos possíveis de serem tratados pelo campo científico damos o exemplo de fatos econômicos ocorridos na metade do século XX, quando uma das crises do capitalismo foi identificada com a exaustão do keynesianismo e quando os modelos socialistas do leste europeu apontaram fragilidades; estes fatos acentuaram e ainda acentuam para muitos pesquisadores o pessimismo

com relação às possibilidades históricas das grandes narrativas e suas respostas aos problemas que afligem as necessidades vitais da produção da existência da humanidade.

Mas nestas condições dadas, os homens e mulheres, historicamente, vêm se esforçando para estabelecer como uma das principais atividades a produção do conhecimento teórico-científico, não se satisfazendo com a resposta rotineira e a observação empírica. Considerando que as esferas da aplicação prática das ciências são infinitas, constrói-se nas sociedades um sistema igualmente projetado de produção de ideias científicas, da mesma forma que o sistema de produção de bens materiais.

Portanto, tratar da produção do conhecimento em uma dada área disciplinar, considerando um processo de análise, perpassa pela necessidade de reconhecer as crises que a humanidade tem vivido para produzir a existência, que diretamente no modo de produção da formação econômica capitalista está relacionada à produção de bens materiais e a produção do conhecimento científico que alimenta o desenvolvimento das ciências.

Análise da produção do conhecimento e a perspectiva interdisciplinar: desafios e limites

Um exame do desenvolvimento teórico do último século e meio nos revela, segundo Mészáros (2007, p. 45, grifo do autor) que a:

[...] concepção histórica ilustrada da tradição filosófica burguesa dá lugar ao ceticismo e ao pessimismo cada vez mais difundidos, desde as décadas posteriores à morte de Hegel até a nossa época. [...] Com adoção dessas visões, todas as conquistas genuínas da tradição do iluminismo no campo da teoria da história são completamente subvertidas. Pois as principais figuras do iluminismo procuram traçar uma linha de demarcação significativa entre a natureza que rodeia o *homo sapiens* e o mundo da interação societária produzido pelo homem para tornar inteligíveis as especificidades regidas por regras do desenvolvimento sócio-histórico que emergem da busca de objetivos humanos.

O que reconhecemos é que o ceticismo pessimista de teorias que vem sendo produzidas em suas concepções mais gerais (concebidas também pelos discursos pós-modernos contra as grandes narrativas) nos instiga a produzir com maior rigor a análise da produção do conhecimento para verificarmos a carência de objetividade em que muitas produções investigativas são produzidas nos programas de Pós-Graduação em nosso país. Para estes pesquisadores, o que lhes resta, segundo Mészáros (1999, p. 47) como saída é a “generalização e a idealização arbitrária de uma postura intelectual dúbia, que tem que se voltar, pela sua busca pela autoconfiança cética, não apenas contra seu adversário social, mas também contra sua própria linhagem de origem”.

Partindo do lugar que nos situamos como pesquisadora, cujo sistema teórico vem sendo demarcado por um campo filosófico do concreto, enquanto ponto de partida e ponto de chegada, essa crítica, entendemos que é possível de ser realizada pelo processo de análise epistemológica rigorosa. Trata-se do método dialético de apropriação do concreto no pensamento científico por meio de domínio do empírico para obter o abstrato e do abstrato ao concreto. Nesse processo, o pensamento teórico, segundo Kopnin (1978, p. 152), “reflete o objeto no aspecto das relações internas e leis do movimento deste,

cognoscíveis por meio da elaboração racional dos dados do conhecimento empírico. Sua forma lógica é constituída pelo sistema de abstrações que explica o objeto.”

Ainda, segundo Kopnin (1978, p. 161), a abstração tem condições fortes ou fracas. Quando fraca, “a realidade se simplificada, torna-se rudimentar, esquematiza-se, nela há um distanciamento, um afastamento em face ao objeto”. E acrescenta: “É com essa debilidade da abstração que muitos pesquisadores especulam diversas formas do idealismo, incluindo o indutivismo.” (*idem*, p. 161). No indutivismo, afirma esse filósofo, “a razão está relacionada com a abstração em cuja natureza está implícita a desintegração da realidade viva em estados mortos particulares, a sua rudeza cinematográfica.” (*idem*, p. 161). Para Kopnin (1978), o idealista absolutiza essa peculiaridade da abstração e desta se vale para “aprofundar o abismo entre pensamento e a realidade concreta ou para minimizar o papel do pensamento e substituí-lo por uma forma qualquer de conhecimento irracional (indutivismo)” (*idem*, p. 161).

Na dialética materialista são entendidas as limitações da abstração e a necessidade destas para o domínio do conhecimento do objeto. O que se impõe é um processo de projetar a ideia do objeto, expressar, medir, representar o movimento sem antes interromper o contínuo, sem simplificar, sem enruidecer, sem amortecer o real. Lênin citado por Kopnin (1978, p. 161) ressalta que: “[...] a representação do movimento pelo pensamento é sempre um endurecimento, um amortecimento – não apenas do movimento, mas também pela sensação – não apenas do movimento, mas de *qualquer* conceito.”. Portanto, a dialética, afirma Kopnin (1978, p. 161, grifo do autor), “define ao mesmo tempo as vias de superação das limitações da abstração, as vias de representação do movimento na abstração tal qual ele existe na realidade”.

O que está em evidência nessas reflexões é que o pensamento humano é pela sua natureza capaz de nos oferecer a verdade absoluta, mas que se compõe da soma das verdades relativas. Nesse sentido, Lênine (1982, p. 100-101) resgata no pensamento de Engels a seguinte posição:

A soberania do pensamento realiza-se numa série de homens que pensam de modo extremamente pouco soberano; o conhecimento que tem um direito incondicional à verdade, numa série de erros relativos; nem um nem outro (nem o conhecimento absolutamente verdadeiro, nem o pensamento soberano) podem ser realizados completamente senão através de uma duração infinita da vida da humanidade.

Para Engels, a soberania do pensamento se elabora pelas sucessivas realizações humanas traçadas ao longo da existência da produção da vida. E, afirma, dando o seguinte exemplo:

A verdade e o erro, como todas as categorias lógicas que se movem em oposições polares, só tem valor absoluto nos limites de um domínio extraordinariamente limitado. [...] se conhecesse minimamente os primeiros elementos da dialética, as suas primeiras premissas, veríamos que tratam precisamente da insuficiência de todas as posições polares. (ENGELS apud LÉNINE, 1982, p. 101).

Engels, segundo Lênine (1982), esclarece que o pensamento humano é pela sua natureza capaz de nos oferecer a verdade absoluta, que se compõe de verdades que vão se acumulando sucessivamente. E afirma, ainda, Lênin (1982, p. 101) que: “Cada degrau no desenvolvimento da ciência acrescenta novos grãos a esta soma de verdades, sendo ora alargados, ora restringidos à medida que cresce o conhecimento”.

Sobre essa questão, Lênine (1982, p. 102-103) em um esforço de síntese, coloca sob o ponto de vista do materialismo contemporâneo, isto é, do marxismo, que são:

[...] historicamente condicionais os *limites* da aproximação dos nossos conhecimentos em relação à verdade objetiva, absoluta, mas é *incondicional* a existência dessa verdade, é incondicional que nós nos aproximemos dela. [...] Numa palavra, é historicamente condicional qualquer ideologia científica (diferentemente, por exemplo, da ideologia religiosa) que corresponde a uma verdade objetiva e a uma natureza absoluta. [...] A dialética materialista de Marx e de Engels contém certamente o relativismo, mas não se reduz a ele, isto é, reconhece a relatividade de todos os nossos conhecimentos, não no sentido da negação da verdade objetiva, mas no sentido da condicionalidade histórica dos limites da aproximação dos nossos conhecimentos em relação a esta verdade.

Estabelecendo uma relação entre o pensamento de Lênine, Engels e Kopnin, podemos reconhecer que o conhecimento instituído por formações isoladas não se conclui no pensamento teórico, mas que, assim como o conhecimento empírico, deve fornecer um conhecimento concreto do objeto, não como um conhecimento sensorial, difuso, que integra explicações de campos científicos diversos como vem sendo colocado por posições interdisciplinares, mas como um conhecimento novo, mais elevado.

É fundamental o esforço de dominar o concreto no pensamento em sua totalidade, pois é este o conhecimento mais profundo e substancial dos fenômenos da realidade, pois refletem com seus conteúdos não as condições definidoras exteriores do objeto em sua relação imediata, acessíveis à contemplação viva, mas os diversos aspectos substanciais, conexões, relações cuja vinculação interna é necessária. Kopnin (1978, p. 163, grifo do autor) coloca que nesse caso:

[...] o movimento do sensorial-concreto ao concreto através do abstrato no pensamento é a *lei universal do desenvolvimento do conhecimento humano*. [...] ela permite revelar as leis do desenvolvimento da imagem cognitiva, do seu movimento do simples ao complexo, do inferior ao superior, o processo de formação das categorias. Com base nessa lei constrói-se a teoria das formas do pensamento, da subordinação destes no processo de aquisição do conhecimento verdadeiro.

Mediante esse princípio de fundamentação materialista, nos perguntamos, por que temos a necessidade de reduzir nosso pensamento às operações metodológicas substanciadas por percepções sensoriais, relativas, segundo a constituição de regras definidas pelos interesses da interdisciplinaridade? Por que queremos mutilar a totalidade da realidade objetiva na produção da ciência quando queremos forçar o diálogo entre as especialidades, e muitas vezes as mais distanciadas?

Se partirmos do princípio de que na verdade objetiva, há um juízo sobre um dado objeto, como poderemos reconhecer que em que duas ou mais posturas teóricas de análise, haja possibilidades de estabelecer o que corresponde à realidade? Estaremos, assim, fadados à imprecisão pelo que definimos por objetividade? Ou será mesmo, que a verdade objetiva do pensamento para produzir conhecimento pode ser determinada por posturas metodológicas, que consistem em reunir teses de sistemas diversos ora justapondo-se, ora chegando a colocá-las numa unidade superior?

Mediante essas questões aqui levantadas, ainda indagamos: O problema do método que se denomina interdisciplinar não recai sobre a necessidade de se ter em evidência a questão do próprio método para obtenção da objetividade da investigação? E ainda, perguntamos: Os problemas das abordagens de pesquisas que se preocupam com uma análise interdisciplinar no campo da educação não se

encontram em conflito por razões de estarem estreitamente ligadas entre si? Ou por que possuem modelos teóricos, técnicos de pesquisa que requerem instrumentos e métodos de análises positivistas?

Buscando esclarecimentos sobre essas questões recorreremos a Lowy (1978, p. 15) que coloca que o erro fundamental dos processos de análise que caminham pelo positivismo ocorre pela incompreensão da especificidade metodológica das ciências sociais com relação às ciências naturais, especificidades cujas causas principais são definidas por quatro princípios:

1. O caráter histórico dos fenômenos sociais transitórios, percíveis, susceptíveis de transformação pela ação dos homens;
2. A identidade parcial entre sujeito e o objeto do conhecimento;
3. O fato de que os problemas sociais suscitam a entrada em jogo de concepções antagônicas das diferentes classes sociais;
4. As implicações político-ideológicas da teoria social: o conhecimento da verdade pode ter consequências diretas sobre a luta de classes.

Lowy destaca que toda ciência implica uma escolha, e que nas ciências históricas essa escolha não é advinda do acaso, mas tem uma relação orgânica com as concepções do mundo instituídas pelas classes sociais que as condicionam, quando tratam dos dados na interpretação dos fatos, na formulação das teorias, ou mesmo na escolha do objeto de estudo. Essa condição tem implicações na definição do que essencial e do que acessório a ser considerado nas questões da pesquisa, e isso significa como é identificada a problemática da pesquisa. Portanto, não significa que haja necessidade de métodos interdisciplinares para análise da produção do conhecimento. Considerando dois campos científicos em disputa histórica, afirma, ainda, Lowy (1978, p. 15-16): A verdade é que “a distinção entre as ciências naturais e sociais não deve ser absolutizada: ela é histórica e relativa”.

Lénine (apud KOPNIN, 1978, p. 167) coloca que:

A dialética materialista de Marx e Engels compreende indubitavelmente o relativismo, mas a ele não se reduz, ou seja, reconhece a relatividade de todos os nossos conhecimentos não no sentido da negação da verdade objetiva, mas no sentido da condicionalidade histórica dos limites da aproximação dos nossos conhecimentos a essa verdade.

Considerando estudos de Freitas (1995, p. 83-92) quando este coloca que uma ciência como a pedagogia tem que recorrer ao aporte de outras ciências que estudam fatos superpostos ao processo educacional (psicologia, sociologia, por exemplo), reconhecemos uma dada advertência sobre a necessidade de termos critérios para definir a identidade de uma ciência e de uma disciplina de um dado campo científico. Para esse pesquisador (FREITAS, 1995, p. 84), a identidade de uma disciplina configura-se em primeiro lugar a partir de sua “especificidade epistemológica como modo de conhecimento científico”, e que somente em condições aplicáveis na prática que demandam sua intervenção é possível ocorrer algum envolvimento. Portanto, as disciplinas não têm sistemas de conhecimento próprio.

Com esse dado de realidade em que se colocam os campos disciplinares para atender a relação teoria e prática na análise da produção científica temos que considerar como relevante não apenas as mudanças na esfera social das pesquisas científicas, mas principalmente os avanços operados na ciência como um sistema de conhecimento que opera o pensamento científico. É nesse ponto que podemos conceber a necessidade de refletirmos sobre um fenômeno advindo dos processos de diferenciação e

integração do conhecimento científico, que não pode ser confundido com o que vimos denominando de interdisciplinaridade.

Frigotto (1985, p. 70) nos alerta em uma pesquisa que realizou para tratar da questão metodológica do trabalho interdisciplinar sobre uma proposta de vestibular unificado, que temos que ter atenção sobre a possibilidade de que nesses procedimentos metodológicos interdisciplinares, a ausência de consistência e coerência tem levado comumente ao ecletismo metodológico (posicionamento que se define na ótica dos interesses da classe que detém os meios privados de produção). Portanto para esse pesquisador o trabalho interdisciplinar implica enquanto condição essencialmente necessária, o caráter histórico e uma coerência e consistência teórico-metodológica. E ainda, coloca que:

O ponto crítico é, pois de natureza teórica, e de postura epistemológica. Fazer-se uma crítica “radical” à ideologia dominante posta na sociedade de classes como o saber “verdadeiramente científico” se constitui no elemento ponto de partida que condiciona a possibilidade de uma investigação interdisciplinar efetivamente consistente. A meu ver esta é a condição básica para a produção do conhecimento verdadeiro do social, ou seja, a ciência do social não se faz sem romper com a ideologia dominante. Este rompimento não é resultado da ciência, mas sua condição é o primeiro passo decisivo para que ela possa constituir-se rigorosa e verdadeiramente. (FRIGOTTO, 1985, p. 70).

Sem que se efetive esse passo, o conhecimento produzido é incapaz de discernir as diferenciações de exploração, expropriação e dominação ao qual se justifica.

Na análise da produção científica temos que ter atenção para a diferenciação que gera, segundo Kopnin (1972, p. 30), a promoção de sistemas teóricos isolados em esferas independentes da ciência com seu objeto, método e linguagem. Mas também, é fundamental considerar que a diferenciação do conhecimento científico, também insere a sua integração como concomitante. Nesse sentido Kopnin (1972, p. 30) esclarece que:

[...] na integração deve-se subentender não a unificação dos sistemas existentes em algo único, não a soma ímpar do conhecimento alcançado por várias ciências sobre um objeto de grande interesse para o homem (por exemplo, participam da solução do problema do voo do homem ao cosmos várias ciências, cada uma das quais dá a sua contribuição ao estudo desse delicado processo), mas há tendência, no processo de inter-relação, a assimilarem-se uma a outra e os próprios métodos e linguagens, para aplicá-los no estudo do seu objeto. [...] A finalidade desse tipo de integração consiste em, por meio de transmutação dos métodos e da linguagem de uma ciência a outra, resolver alguns problemas que sem eles não se resolviam numa ciência dada. [...] Infelizmente, observam-se também alguns casos em que a linguagem de uma ciência é empregada em outra, sem qualquer necessidade de resultado teórico.

Portanto, é necessário considerar esses esclarecimentos de Kopnin (1972), para que na análise da produção do conhecimento não incorramos na perspectiva, enquanto interdisciplinar, considerando que a ciência avança permanentemente em extensão e profundidade, incluindo em sua esfera novos objetos de estudo, identificando o que está oculto, assim como descobrindo novas propriedades e relações.

Nesse sentido, é preciso que reconheçamos os limites para conceber a análise da produção do conhecimento na perspectiva interdisciplinar, para não nos apoiarmos no caráter extremamente abstrato dos objetos, considerando que é difícil estabelecer uma ligação com os conceitos dados pela realidade objetiva, partindo de abordagens teórico-metodológicas de interesses diversos.

Breves considerações finais

No esforço de síntese ressaltamos que é necessário considerar que as transformações registradas na produção da ciência no último século não privaram a filosofia da tarefa de servir de princípio básico de unificação do conhecimento científico. O que vimos identificando em nossos estudos e pesquisas é que o pensamento do pesquisador sempre sente falta de novos conceitos que ampliem as possibilidades de análise². É preciso que seja preservada na integralidade do objeto toda a sua variedade fora do pensamento para que ocorra a captação que conduz a realidade objetiva, sem recorrer à condição de explicação pela mediação interdisciplinar.

O que vimos reconhecendo é que na tentativa de resolver alguns impasses mais gerais do processo metodológico, que mediatiza as relações do aparato teórico, recorre-se a proposta da interdisciplinaridade para estabelecer relações teóricas que são contraditórias a um sistema de ajustes de integralidades, cujos objetivos advêm de uma única realidade não identificada em suas bases históricas.

Dadas às explicações, reconhecemos que a análise da produção do conhecimento colocada na perspectiva denominada de interdisciplinar não dá conta de responder a uma concepção metodológica investigativa de caráter epistemológico, quer na perspectiva idealista ou materialista, porque podemos ter um conjunto de análises fragmentadas com caráter parcial da problemática de investigação, ficando estas ao nível da superficialidade, podendo confundir o pesquisador na mediação da elaboração do concreto que parte do empírico.

Portanto, numa investigação de base epistemológica, a análise da produção do conhecimento de uma dada área disciplinar, requer uma proposta de investigação com domínio da realidade do que apontam as produções analisadas sem perder de vista à identificação histórica da base material em que foram produzidas, considerando contradições, relações e interconexões, através de um método integral de investigação, mas partindo do real concreto. Esta tarefa exige um processo investigativo que desenvolva incursões metodológicas de orientação epistemológica em uma concepção proveniente de uma base materialista para reconhecer a relação entre ontologia e gnosiologia, enquanto ausência ou possibilidade de correspondência entre estruturas lógicas por meio do qual os pesquisadores tratam seus objetos.

Na dialética materialista o processo de pensamento que desenvolve análise da produção do conhecimento é um conteúdo definido pleno em sua totalidade, que se evidencia independente da consciência humana, cujo movimento do pensamento não se movimenta no campo das opiniões, ideias subjetivas, noções diversas de campos científicos ou, mas no campo do desenvolvimento do conteúdo objetivo que temos, enquanto propriedade do mundo exterior forjado por complexas relações contraditórias.

Referências

- FREITAS, L. C. de. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas: Papyrus, 1995. 288p.
- FRIGOTTO, G. Questão metodológica do trabalho interdisciplinar: indicações de uma pesquisa sobre vestibular. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 55, p. 68-75, nov. 1985.

- KOPNIN, P. V. *Fundamentos lógicos da ciência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. 280p.
- _____. *A dialética como lógica e teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 354p.
- LÉNINE, V. I. *Materialismo e empiriocriticismo*. Lisboa: Avante; Moscovo: Edições Progresso, 1982. 339p.
- LOWY, M. *Método dialético e teoria política*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 141p.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 138p.
- MARX, K. *Contribuição a crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MÉSZÁROS, I. *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo, 2009. 133p.
- _____. *O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2007. 396p.
- SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 13. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2000. 247p.

Notas:

- ¹ Graduação de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Mestrado e doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pós-doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Está vinculada aos grupos de Pesquisa do CNPq: HMTLE, LEPEL e PAIDÉIA. Atua com formação de professores de Educação Física. E-mail: k.oliversa@gmail.com.
- ² Desenvolvemos uma pesquisa nacional que está sendo realizada sob a coordenação geral do prof. Dr. Silvio Sánchez Gamboa no grupo PAIDÉIA/FE/UNICAMP, em articulação com o grupo de pesquisa LEPEL/FACED/UFBA, que teve início em 2011 e será concluída em 2015; a proposta investigativa promove análise epistemológica da produção do conhecimento *stricto sensu* da área de Educação Física da região nordeste; participando diretamente dessa pesquisa, venho constatando que não é possível um sistema harmonioso de caráter interdisciplinar que possa se estabelecer por método, considerando que esta proposta contém pouco conhecimento lógico e é carente de um aparelho lógico dialético desenvolvido e que seja eficiente.

Recebido em: 02/2014

Publicado em: 12/2014.